

EFEITOS DE SENTIDOS EM DISCURSOS ORAIS DE MORADORES DO BAIRRO MANUEL DEODATO EM PAU DOS FERROS-RN

Maria de Fátima de Carvalho Dantas (PIBID/UERN)
Maria Clivoneide de Freitas Freire (PIBID/UERN)
Ednilda Pereira de Oliveira (PIBID/UERN)
Sheilla Viana Feitosa (PIBID/UERN)
Talita Araújo Costa (PIBID/UERN)

RESUMO

INTRODUÇÃO: Neste trabalho relataremos uma experiência pedagógica vivenciada no programa formativo PIBID/CAPES/UERN, a partir de uma entrevista realizada com 05 (cinco) moradores do bairro Manuel Deodato, em Pau dos Ferros – RN, por ocasião da IV Feira de Ciências da Escola Estadual Profa. “Maria Edilma de Freitas”, escola-campo do PIBID Letras/Português. Este fazer acadêmico está respaldado em Brasil (1999); Brandão (2004), Castilho (1998); Foucault (2004); Marcuschi (2008); entre outros. **METODOLOGIA:** Através do gênero entrevista analisaremos os procedimentos discursivos, da linguagem oral dos moradores do supracitado bairro, com base nas categorias da Análise do Discurso (linha francesa), *formação discursiva, formação ideológica e condições de produção*. **RESULTADOS:** O discurso não apresenta apenas um significado, ou um sentido, ele é a expressão de cada sujeito social ideologicamente assujeitados. **CONCLUSÃO:** A entrevista se constitui em um fazer didático pedagógico indispensável ao trabalho com a linguagem oral *versus* a análise das práticas sociodiscursivas, dos sujeitos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: discurso e oralidade, entrevista; linguagem sociodiscursiva; sujeitos sociais

1 INTRODUÇÃO

A partir de uma leitura interpretativa do Capítulo IV – da Lei de Diretrizes e Bases (LDBN), N° 9394/1996, que trata da Educação Superior, o Artigo 43, da supracitada lei, sublinha a necessidade de uma formação superior centrada na cultura e no desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; na verticalização contínua do saber; na valorização da pesquisa e ação investigativa de cunho científico, com foco no homem e no meio em que vive; na socialização dos conhecimentos culturais, técnicos e científicos; no estímulo e desejo pelo conhecimento cultural das gerações (ontem e de hoje); no incentivo ao conhecimento dos problemas do mundo (geral e específico), mediado pela reciprocidade e na viabilização da extensão, aos sujeitos sociais, das conquistas (científicas e técnico culturais), realizadas na instituição (BRASIL, 1999,).

No sentido de validar o que a LDB destaca, para o ensino superior, torna-se indispensável que, em se tratando de competências e habilidades para trabalhar com o processo ensino/aprendizagem de língua materna (LM), o professor no exercício do seu fazer pedagógico priorize a integração e a articulação dos conhecimentos sistematizados,

dentro de uma visão processual de transdisciplinaridade, priorizando assim “considerar a linguagem e suas manifestações como fontes de legitimação de acordos e condutas sociais, e sua representação simbólica como forma de expressão de sentidos, emoções e experiências do ser humano” (BRASIL, 1999, p. 135).

Noutras palavras, compreendemos ser indispensável que os professores (de modo geral) e os formadores de professores (de modo mais específico) priorizem em/na sala de aula a articulação das práticas de linguagens (social, cognitiva e linguística), no sentido de que possam atender às exigências que a sociedade atual requer e/ou espera de um sujeito social escolarizado.

Nesse sentido, torna-se legítimo reforçar que a língua/linguagem é um processo que emana do social, que é constitutiva de sociabilidade e, portanto, detentora de interações dialógicas, de interações sociodiscursivas. Interações essas advindas dos gêneros (orais e escritos) que (textuais e/ou discursivos), são “tipificações dinâmicas, interativas e históricas” (BAZERMAN, 2005, p. 11). Logo, mediante a esse legado sociohistórico e cultural que os gêneros comportam, e em se tratando de essas formas de expressões serem responsáveis pelas ações práticas do cotidiano, dos sujeitos sociais, torna-se imperioso reforçar que

Aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, advinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso [...]. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado a comunicação discursiva seria quase impossível. (BAKHTIN, 2003, p. 283).

Ciente desse papel preponderante, na esfera social e dialógica, que os gêneros (oral/escrito/virtual) congregam, é relevante o registro do trabalho com o gênero. A exemplo desse relato destacamos o gênero oral entrevista.

Primeiramente, a entrevista trata-se de um gênero textual considerado “como uma constelação de eventos possíveis que se realizam como gêneros ou (subgêneros) diversos” (HOFFNAGEL, 2003, p. 180). Noutras palavras, trata-se de um gênero essencialmente oral e assimétrico, composto de título, apresentação e do par dialogal: perguntas e respostas, destinada a informar acontecimentos vários e/ou a socializar ideias, opiniões, problemas, entre outras peculiaridades afins dos sujeitos falantes.

Em resumo, temos que

A entrevista é uma atividade em que, não somente pessoas ligadas à área de comunicação, como os jornalistas, mas todos nós, de uma forma ou de outra, estamos envolvidos, quer como entrevistadores, quer como entrevistados. Seu objetivo é sempre o inter-relacionamento humano, mas os direitos dos participantes não são os mesmos, pois o entrevistador faz as perguntas e oferece, em seguida, o turno ao entrevistado. Na verdade, as relações de poder entre eles deixam-os em diferentes condições de participação no diálogo (FÁVERO, 2000, p. 79-80)

Ao lado dessa compreensão, e didaticamente falando, o gênero oral entrevista (não desconhecemos e nem ignoramos a importância do gênero entrevista na *mídia* impressa) somatiza contributos teóricos, práticos e metodológicos para a formação docente e continuada – do profissional de língua materna, haja vista ser possível no trabalho pedagógico com esse gênero abordar os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais (BRASIL, 1997), além de poder dialogar com os saberes das outras áreas do conhecimento, conforme prescreve o paradigma da transdisciplinaridade.

Mais a miude, o trabalho com o gênero entrevista possibilita ao professor a organização de atividades envolvendo a fala e a escrita, que vai desde o trabalho em grupo (a pauta da entrevista, a sua realização/edição), a aplicabilidade das máximas da conversação: de quantidade, qualidade, relevância e modo (GRICE, 1975), a maneira de narrar, descrever e argumentar a entrevista, a identificação das pluralidades de vozes, o modo democrático de evidenciar os discursos e de “examinar o uso estratégico de formas de tratamento [...]”; descobrir as relações possíveis a serem estabelecidas na interação verbal [...] e investigar os significados possíveis transmitidos pelos participantes [...]” (HOFFNAGEL, 2003, p. 192).

É ancorado nesses pressupostos e nos procedimentos didáticos pedagógicos que, nessa entrevista, vamos analisá-la à luz da teoria da Análise do Discurso – AD (linha francesa), porque compreendemos ser pelo viés das formações discursivas, vivenciadas fora dos muros da escola, que podemos transgredir com as fronteiras dos mecanicismos disciplinares e, dessa forma, dialogarmos com a pluralidade dos discursos de ordem econômica, ética, histórico antropológico, político cultural, entre outras possibilidades afins que, embora não sejam universais, dizem respeito às relações estabelecidas entre valores e juízos éticos construídos através dos discursos, oral ou escrito, dos sujeitos sociais.

2 CONSTRUTO TEÓRICO

É cômico que o homem ao trocar ou intercambiar experiências e ideias automaticamente ele está fazendo discurso, ele está se apropriando das linguagens: verbal, não-verbal ou digital para receber e divulgar informações de geração a geração. Antropologicamente ele está fazendo cultura com a matéria prima: a linguagem. Em síntese tem-se um processo sociodiscursivo perpassado pelas relações estabelecidas entre linguagem, homem e sociedade.

Paralelo a essa contextualização, no campo das Teorias Linguísticas vamos encontrar, em substituição ao par dicotômico língua/fala, a díade linguagem/discurso à luz da Análise do Discurso (doravante AD) de linha francesa. Um empreendimento teórico entrelaçado por discussões envolvendo o materialismo histórico, a linguística e a psicanálise. Logo, na AD o foco das discussões é o sujeito, a língua e a história. Desse modo, “é impossível analisar um discurso como um texto [...], é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado definido das condições de produção” (MALDIDIER, 2003, p. 23).

Ao lado dessas reflexões teóricas, e tendo em vista que a produção de discurso é assinalada pela história e pela memória dos sujeitos sociais, responsáveis por abraçarem os acontecimentos de sua vida, no que diz respeito à produção simbólica, temos que

Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sociohistóricas de identificação, na medida em que se constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas, de todo modo, atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço [...] (PÊCHEUX, 2006, p. 56).

Frente a esses dizeres compreendemos que o autor ao fazer alusão acerca de as filiações existentes entre os ladrilhos do acontecimento do discurso, da estrutura, da descrição e da interpretação do enunciado, de um determinado universo discursivo, ele deixa claro a necessidade de que se compreenda que é no entremeio dos espaços sociodiscursivos que as contradições, subordinações e desigualdades sociais acontecem ou se materializam, já que é nesse espaço perpassado pela história e pela linguagem que as formações discursivas refletem, emudecem ou dissimulam o sujeito constituído no/pelo discurso, através dos mecanismos da homogeneidade ou da centralização do sujeito do discurso, no qual a ideologia se corporifica e, desse modo, pode causar a ilusão da transparência da linguagem.

Dito de outro modo, a materialização linguística na AD está atrelada a um sujeito que, interpelado pela ideologia, se constitui em um sujeito enunciativo, determinado a dizer o que pode e deve ser dito, já “que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2004, p. 9). Em linhas gerais, podemos inferir que falar em linguagem é, automaticamente, falar em discurso, em interação, em produção social. Uma produção sociolinguageira que, notadamente, se constitui enquanto um campo minado de manifestações ideológicas.

Vale lembrar ainda que, ao lado dessas sujeições ideológicas, discorreremos sobre os termos pivôs da AD, quais sejam: formações discursivas-FD, formações ideológicas-FI e condições de produção-CsP, já que esses termos fazem parte da análise do *corpus* da nossa entrevista.

Desse modo, em uma formação discursiva FD (termo basal e canônico na engenhosidade da AD) tem-se um conjunto de enunciados (dotados de uma materialização que se repete) que são marcados pelas regras anônimas no seu dizer histórico, mas sempre definindo o tempo/espaço de determinada fase e de áreas plurais, as formas e as condições da sua existência enunciatória. Ou seja, a “formação discursiva-FD aparece, ao mesmo tempo, como princípio de escansão no emaranhado dos discursos e princípio de vacuidade no campo da linguagem [...]. Ela é uma distribuição de lacunas, de vazios, de ausências, de limites, de recortes.” (FOUCAULT, 2002, p. 138).

Com relação à formação ideológica-FI, a princípio, pode-se pontuar que ideologia é um terreno onde impera a contradição, o imaginário, o mascaramento e a dominação no campo das ideias, contribuindo assim para que a classe dominante faça prevalecer as suas ideias, os seus pensamentos, como se fossem uma conquista de todos os indivíduos. Logo, é nesse campo clivado de perpetuação/reprodução de aparências e de manobras das condições políticas e sociohistóricas que “cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflitos umas com as outras” (PECHÊUX, 1993, p. 166).

Por último, com relação às condições de produção-CsP não é possível desprezar o contexto social, os sujeitos protagonistas do discurso, o espaço/local de onde eles emanam os seus discursos e a leitura das representações das imagens que fazem de si e do outro. A esse respeito, para analisar um discurso é indispensável “referi-lo ao conjunto de discursos

possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (PECHÊUX, 1993, p. 79).

3 METODOLOGIA

A princípio, os pressupostos filosóficos que sedimentam essa entrevista estão centrados na estratégia de pesquisa interpretativista, de cunho etnográfico. A prioridade por esse paradigma de pesquisa justifica-se porque na pesquisa etnográfica, o pesquisador, a coleta dos dados e a descrição mantem um *feedback* entre o pesquisador e o contexto situacional. Ou, ainda, a etnografia “caracteriza-se pela descrição ou reconstrução de mundos culturais originais de pequenos grupos, [...], a fim de recriar as crenças, [...], revelar comportamentos, interpretar os significados e as ocorrências nas interações sociais entre os membros do grupo em estudo” (CHIZZOTTI, 2006, p. 71).

Em linhas gerais, a pesquisa etnográfica aglutina um fértil campo teórico/metodológico no que compete à delimitação e à interpretação/análise dos dados compilados.

3.1 CONTEXTO METODOLÓGICO DE PESQUISA

O contexto dessa entrevista é o bairro Manuel Deodato (bairro periférico), localizado na região leste do município de Pau dos Ferros RN, um bairro que apresenta uma série de problemas de cunho socioeconômicos. Explicitamos, ainda, que a maior parte dos alunos da escola-campo pibidiana é oriunda do citado bairro.

Na sequência do exposto, explicitamos que antes da realização da entrevista, a equipe de entrevistadores foi ao bairro, com o objetivo de planejar as atividades inerentes à entrevista, tais como: gravação e filmagem, realizadas em dias e turnos de aulas alternados.

Ademais, trata-se de uma entrevista coletiva, constituída de 04 (quatro) perguntas e 04 (quatro) respostas abertas.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Para a realização dessa atividade formativa o público alvo foi formado por 05 (cinco) alunos-bolsistas pibidianos, 02 (dois) professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio, que integram a equipe pibidiana, na condição de supervisores, duas turmas de alunos do 1º ano do Ensino Médio e um professor da disciplina de História.

Os sujeitos entrevistados foram 05 (cinco), são eles, 02 (dois) alunos graduados (um em Letras/Português-CAMEAM/UERN, e outro em Geografia/CAMEAM/UERN), 01 (uma) funcionária municipal da área da saúde, 01 (uma) professora municipal (aposentada) e 01 (uma) empregada doméstica.

3.3 COLETA DE DADOS

A entrevista foi feita nos dias 25 a 28 de outubro de 2011. Embora os recursos tecnológicos: filmadora, máquina fotográfica e o gravador tenham sido relevantes para esse fazer metodológico, mesmo assim, a ênfase aqui vai ser para as condições de produção do contexto situacional dos dados, quais sejam: o canal físico (a fala), a interação, o envolvimento, o propósito comunicativo e o partilhamento do tempo e do espaço (OLIVEIRA, 1998), critérios esses primordiais para a análise dos recortes sociodiscursivos a serem apresentados.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

As formações sociodiscursivas a serem analisadas restringem-se a dois discursos: 0 entrevistado 01 (doravante **E1**) e o entrevistado 02 (doravante **E2**). A seguir, apresentaremos cada recorte e, em seguida, analisaremos.

3.4.1 RECORTE SOCIODISCURSIVO DA ENTREVISTA DE E1

PIBID - Qual o seu grau de escolaridade?

E1 - Graduado em Letras/Português em 27/10/2010, pela UERN

PIBID - Já atuou ou atua na área da educação?

E1 - Sim, durante 07 (sete) anos, no Programa Alfabetização Solidária (PAS), criado em 1996, hoje Programa Brasil Alfabetizado (PBA), criado a partir de 2003.

PIBID - Como você relata essa sua experiência?

E1- Não sabia o que ia fazer quando terminasse o ensino médio, pois não podia estudar fora. Aí procurei o NURE (atualmente XV DIREC), disseram que eu procurasse alunos para formar uma turma. Assim eu fiz. Sai de casa em casa a procura de alunos. Consegui formar uma turma de alunos, todos entre seus 50 anos. Lembro bem de um aluno que tinha 65 anos, ele era agricultor, carroceiro e aposentado. Aprendeu a escrever o nome e continuou estudando. Esse foi o meu maior troféu. Parece absurdo, mas o jovem não se interessava mesmo pela escola. Eu perguntava: você já fez sua matrícula na escola, no colégio? O jovem falava: eu fiz, mas eu não fui pra aula porque eu não gosto de estudar. Eu não tenho saco para assistir a aula, eu não gosto da cara da diretora [...].

PIBID – O que você tem a dizer sobre o bairro Manuel Deodato?

E1 - Eu conheço o bairro (atualmente conjunto) Manuel Deodato (antigo beira rio), desde 1992, porque a minha avó morava no chamado beira rio. Porém, faz uns 11 (onze) anos que estou morando nesse conjunto. Daquela época para cá pouca coisa mudou. Esse conjunto foi criado em 1999, mas nunca foi inaugurado. Eu me lembro que a posse das casas (antes eram casas de taipas) aconteceu em meio à grande confusão, brigas e invasões. A administração da prefeitura ia dando as casas ao pessoal de fora, o que gerou uma grandiosa revolta. Constantemente a polícia vinha aqui e escoraçava e prendia as pessoas. Botavam as pessoas para fora das casas durante o dia, mas a noite elas voltavam. Sei que ainda foram à rádio, até que finalmente as pessoas que tinham casas de taipa receberam casas de alvenaria.

Nessa época, uma pessoa que se interessou muito por esse bairro, aliás, foi quem deu o pontapé inicial, fundou a comunidade e incentivou a luta a favor das casas, foi um pároco [...] que, por sinal, era da Teoria da Libertação. Foi ele que encorajou muito o povo desse bairro.

Bem, de um modo geral, o bairro Manuel Deodato é carente demais em tudo. Falta escola, lazer, segurança, saneamento básico. Eu avalio que ele continua sendo muito discriminado pela classe política.

3.4.2 RECORTE SOCIODISCURSIVO DA ENTREVISTA DE E2

PIBID - Qual o seu grau de escolaridade?

E2 - Graduando do Curso de Geografia, na UERN

PIBID – Enquanto aluno do curso superior o que você tem a dizer para a classe estudantil?

E2 – O que eu tenho a dizer para os jovens é que eles estudem. Estudem para realizar os seus sonhos, hoje quem não estuda dificilmente consegue um emprego de futuro para se manter na vida. Desde 14 anos que eu trabalho e estudo. Fui aluno da EJA, na escola Profa. “Maria Edilma de Freitas” e consegui voltar a essa escola na condição de aluno do Curso de Geografia, para atuar enquanto professor (contrato provisório) de Geografia. Isso eu avalio como um grande exemplo. Foi muito positivo para mim e para os meus colegas e conhecidos do bairro. Portanto, a pessoa deve estudar e fazer por onde ser um bom profissional. A pessoa que estuda ela ganha conhecimento, ganha saber. Não devemos nos acomodar e nem confiar ou esperar por político.

PIBID – Como você descreve o bairro Manuel Deodato?

E2 – Morava na colônia de pescadores (sítio barragem), em Pau dos Ferros. Não conheço com profundidade a história do surgimento desse bairro. Sei que existiram muitas brigas pela posse das casas, pois parece que elas serviram de trampolim para conquista de votos. Dizem até que as pessoas nem tem documentação das casas em que moram. É um bairro que não tem uma escola. Em 2009 foi feito um abaixo assinado e entregue a um vereador [...], solicitando uma creche e uma escola, para o bairro, mas foi engavetado e até agora nada de escola e nem de creche. Não temos uma quadra de esporte e nem um local para dançar uma quadrilha ou até mesmo para praticar capoeira. O bairro anda muito devagar. Saneamento, iluminação, calçamento, segurança, posto de saúde é um caos total. Sem falar na degradação da mata ciliar e na escavação das margens do rio Apodi que vem acontecendo desordenadamente. Acrescentando também o acúmulo de material em decomposição.

PIBID – Existe preconceito no bairro Manuel Deodato?

E2 – Existe sim, muito preconceito. Os moradores do próprio bairro rotulam-no de favela. Eles não querem entender que os problemas do Manuel Deodato são de ordem política. Parecem não enxergar que lá moram pessoas boas, pessoas trabalhadoras. Ora, todo dia entre às 5h e às 6h da manhã você vê um grande número de gente saindo para trabalhar. Se no bairro (o maior e o mais antigo de Pau dos Ferros) tem prostituição e uso de drogas, isso não é um problema social só desse bairro. Mas, lamentavelmente o preconceito e a discriminação no bairro Manuel Deodato vem gerando a marginalização e a violência.

Os recortes acima (**E1** e **E2**) representam a forma-sujeito de cada enunciador entrevistado. Enunciador esse que é visto ora enquanto um sujeito coletivo, ideologizado, operário (ou não), encorpado a política partidária, entre outras questões afins; ora enquanto um sujeito universalizado/falante que ao fazer uso da língua passa a construir/produzir discursos provavelmente cristalizados e convencionais, no sentido de causar ilusão exatamente entre sujeito e sentido.

Quer dizer, nas respostas dos entrevistados **E1** e **E2**, a superficialidade da língua escrita simplesmente fixa o registro que se trata de dois sujeitos (um graduado em Letras/Português e o outro graduando do Curso de Geografia). Sem pretendermos ser detalhista, será que o fato de esses dois sujeitos fazer um curso superior, serve de termômetro para camuflar ou mascarar realidades destoantes presentificadas no bairro em evidência?

Diferentemente desse pensamento, nos discursos de **E1** e de **E2**, pode-se inferir que a materialidade histórico/linguagem, das formações discursivas, desses sujeitos entrevistados é determinante e/ou resultante de um contexto situacional no qual é previsível dizer que as formações discursivas dos sujeitos falantes denunciam, em sua essência, as mazelas sociais das condições de produção que respaldam cada formação discursiva.

Ou seja, nos discursos de **E1** e de **E2**, a partir do falar/contar sobre os espaços sociohistórico, político educacional e urbanístico do bairro Manuel Deodato, desde a sua criação aos dias atuais, infere-se, pelo menos de imediato, a quase ausência de uma vida digna destinada aos moradores do citado bairro. Inferência essa constatável através das formações discursivas de **E1** e de **E2**, quando ao discorrerem sobre o bairro Manuel Deodato explicitam que a infraestrutura (de um modo geral) deixa a desejar.

Com efeito, as condições de produção que geraram esses enunciados sociodiscursivos têm existência própria, haja vista serem eles formulados a partir de acontecimentos bastante demarcados, no tocante a espaço/temporal, principalmente na fala de **E1**.

Ainda sobre esse prisma, compreende-se que, frente aos dizeres sociodiscursivos de cada sujeito, ora entrevistado, tem-se a reprodução ou a repetição de outros discursos sobre a mesma vertente: o descaso e o descompromisso para com os indivíduos do bairro Manuel Deodato. Pois a origem do bairro traz à tona outras vozes que também falaram de invasão e de expulsão da terra.

Em linhas gerais, os encadeamentos dos discursos de **E1** e de **E2** manifestam um acontecimento que se liga à atualidade e à memória. Por exemplo, no dizer de **E1** “[...] Daquela época para cá [...]”. “[...] invadiam as casas [...]” e de **E2** “[...] Sei que existiram muitas brigas pela posse das casas [...]”. São formações discursivas que fazem remissão outros dizeres. E que, portanto, pode-se questionar qual o motivo de tanta resistência em propor condições de moradia digna aos sujeitos? Qual o objetivo desse aniquilamento para com esses sujeitos?

Resumidamente, parece que no cenário desse jogo semiotizado, **E1** e de **E2** deixam a entrever, em suas formações discursivas, que a noção de ideologia e de poder apontam para a necessidade de mais atividades práticas voltadas para o estudo/análise dos discursos dos sujeitos sociais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino/aprendizagem da atualidade requer, cada vez mais, que o professor desenvolva novas competências a fim de desenvolver uma prática pedagógica efetiva, na acepção da palavra. Hoje, frente ao panorama global que se presentifica, faz-se necessário que o exercício da docência esteja em sintonia com o desenvolvimento ético, a luta pelo poder de organização espaço social e para com a valorização humana.

Isso significa dizer que é imperioso ao professor o desenvolvimento de uma *práxi* pedagógica que manifeste uma “representação coerente do ofício de professor nos tempos atuais” (ALLESSANDRINI, 2002, p. 158). Mediante a esta pertinente observação, podemos sublinhar que a experiência com o gênero entrevista, aqui explicitado, proporcionou a equipe pibidiana conhecimentos díspares e reflexões significativas quanto ao exercício da docência.

No caso específico do trabalho com o programa formativo o PIBID, é convidativo pontuar o quanto vem sendo nobre a execução de tarefas ora vivenciadas junto ao referido programa, no sentido de que a gama de leituras, planejamentos e a realização de atividades semelhante a que ora realizamos, só tem contribuído para a verticalização dos conhecimentos dos alunos bolsistas e, também, para repaginar a formação dos professores supervisores pibidianos.

Nessa mesma linha de raciocínio, queremos elucidar o quanto essa entrevista foi relevante para conhecermos as linguagens semiotizadas, que envolvem os espaços simbólicos dos sujeitos do bairro Manuel Deodato e, também, o quanto essa atividade extraclasse contribuiu para que pudéssemos conhecer as destoantes realidades que assolam a vida cotidiana de grande parte da clientela da escola campo do PIBID.

Ademais, é pertinente dizer que nessa entrevista as questões/problemas de ordem macroestruturais que perpassam o entorno social dos sujeitos aprendizes, da escola-campo do PIBID/UERN (Letras/Português), constitui-se oportunas e instigadoras para um trabalho com a linguagem, centrado na Análise do Discurso – AD (linha francesa), já que o registro dos diferentes relatos que foram proferidos/gravados, são dizeres enunciativos que

contribuem para uma pontual reflexão da produção dos sentidos, dos sujeitos falantes. Pois, “por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem [...] peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo *limites* absolutamente precisos” (BAKHTIN, 2003, p. 274-275).

Com relação ao *corpus*, este se constitui em um rico material que, advindo da expressividade linguageira dos sujeitos sociais - E1 e E2, refletem e refratam os propósitos interacionais clivados de marcas pessoais, experiencialidade, expectativas, objetivos e intencionalidades todos marcados, obviamente, por ideologias e práticas culturais diferenciadas, um ponto nodal para que a equipe pibidiana passe, cada vez mais, a realizar atividades dessa envergadura, perspectivando, dessa forma, perceber como os sistemas simbólicos das diferentes linguagens podem contribuir para que se compreenda e se repense as questões históricas e políticas culturais que (re)vestem os sujeitos sociais.

5 REFERÊNCIAS

- ALLESSANDRINI, C. D. **Oficina criativa**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- FÁVERO, L. L. A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, D. (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000. p. 79-97.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. **A ordem do discurso**. 11 ed. São Paulo: Loyola, 2004
- HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, A. P. & MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. **Gêneros Textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 180-193.
- MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas, SP: Pontes, 2003

OLIVEIRA, M. do S. A oralidade e a escrita em interações narrativas. In: PASSEGGI, L. **Abordagens em linguística aplicada**. Natal: EDUFRN, 1998, p.169-192

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Jonas de A. Romualdo et all. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1993.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 2006